

AMORES EXPRESSOS



LUIZ RUFFATO

Estive em Lisboa e lembrei de você



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Luiz Ruffato

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Retina_78

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Angela Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ruffato, Luiz

Estive em Lisboa e lembrei de você / Luiz Ruffato. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1525-9

1. Ficção brasileira I. Título.

09-07466

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Para os amigos
Maria de Santa-Cruz e Fátima Álvares
Antônio Jorge e Alberto João Marques

E para Helena e Filipe, sempre

*Sem me lembrar
De ti eu vivo
Em Lisboa
A Magnífica*

Xutos e Pontapés

*Brasil onde vivi, Brasil onde penei,
Brasil dos meus assombros de menino:
Há quanto tempo já que te deixei,
Cais do lado de lá do meu destino!*

*Que milhas de angústia no mar da saudade!
Que salgado pranto no convés da ausência!
Chegar. Perder-te mais. Outra orfandade,
Agora sem o amparo da inocência.*

*Dois polos de atracção no pensamento!
Duas ânsias opostas nos sentidos!
Um purgatório em que o sofrimento
Nunca avista um dos céus apetecidos.*

*Ah, desterro do rosto em cada face,
Tristeza dum regaço repartido!
Antes o desespero naufragasse
Entre o chão encontrado e o chão perdido.*

Miguel Torga

Nota

O que se segue é o depoimento, minimamente editado, de Sérgio de Souza Sampaio, nascido em Cataguases (MG) em 7 de agosto de 1969, gravado em quatro sessões, nas tardes de sábado dos dias 9, 16, 23 e 30 de julho de 2005, nas dependências do Solar dos Galegos, localizado no alto das escadinhas da Calçada do Duque, zona histórica de Lisboa. A Paulo Nogueira, que me apresentou a Serginho em Portugal, e a Gilmar Santana, que o conheceu no Brasil, oferto este livro.

L. R.

Como parei de fumar

Voltei a fumar, após seis anos e meio, pouco mais ou menos, da minha visita ao doutor Fernando, quando ele, prescrevendo o tratamento — tegretol, fluoxetina e adesivos de nicotina —, alertou, “Os medicamentos auxiliam”, mas parar mesmo, de vez, condicionava à minha determinação, “Dura segundos a vontade... e passa...”. Eu já havia tentado deixar o cigarro três vezes, antes. Numa ocasião, a última, meus colegas de repartição — Seção de Pagadoria da Companhia Industrial Cataguases —, não suportando meu *estado-de-nervo*, compraram um pacote de Hollywood — que nem apreciava, muito forte — e me presentearam dizendo que, embora gostassem muito de mim e soubessem que, se eu continuasse consumindo quase dois maços por dia, logo-logo ia contrair uma doença grave, um enfisema, um câncer, não aguentavam mais a minha impaciência, a minha ignorância, eu, uma pessoa de-natural calmo, cordato, civilizado. O problema é que

sempre havia tentado parar *na-raça*, sem amparo de remédio nem nada, mas, orientado pelo médico da fábrica, busquei *ajuda profissional*: conversei com o doutor Fernando, que, apesar de ginecologista e obstetra, jogávamos no mesmo time nas peladas de fim de semana, o Primeiro de Abril, dupla homenagem ao Dia da Mentira e à Revolução de 1964, que, na opinião dos colegas mais políticos, dava na mesma. Ele disse, amarrando a chuteira, pra passar no consultório “Amanhã na hora-do-almoço” — uma segunda-feira — que ele arrumava a receita, já que se tratava de *substâncias controladas*. Dia seguinte, depois de rememorar os melhores lances da partida que ganhamos, três a um, dos veteranos do Vasquinho, do Leonardo, o doutor Fernando falou, “Aproveita que está de férias”, pra tomar um porre, “Fume o máximo que conseguir”, porque, no dia seguinte, de ressaca, provavelmente não ia poder nem sentir cheiro de fumaça, “E aí você inicia o tratamento”. Saí do prédio, atravessei a praça Rui Barbosa, aviei a receita na Drogaria do Povo, quase desistindo por causa da carestia, e, em cima da minha Biz, vagueei sem pressa pela cidade, rememorando todas as marcas que me acompanharam vida afora, desde os matarratos da infância, os sem-filtro afanados do meu pai e das visitas domingueiras, até os John Player Special que vestiam a Lotus do Emerson Fittipaldi, campeão da Fórmula 1 em 1972, cartaz que ilustrava a parede do quarto que dividia com meu tio Zé-Carlim, irmão caçula da minha mãe, fanático por automobilismo, e que, por ironia, morreu cedo, nem trinta anos, no trevo de saída pra Ubá, única vítima da batida entre um ônibus da linha Belo Horizonte-Muriaé e

o Chevette do seu Lino, no qual ia pescar na Usina Maurício a turma que trabalhava no armazém lá-dele. Eu nem sabia que John Player Special era nome de cigarro, descobri por acaso em São Paulo, quando acompanhei a Semíramis, minha irmã, à rua Oriente, no Brás, pra comprar roupas que ela revendia em Cataguases, numa lojinha na Taquara Preta, que durou pouco, a clientela comprava fiado e não pagava, acabou fechando, devendo também pra um monte de gente, essas coisas de comércio. O rapaz, bem-falante, óculos escuros, motorista uniformizado, me mostrou o maço preto, caligrafia dourada, “Conhece?”, respondi que *de-vista*, me ofereceu um, aceitei, agradei. “Aqui no Brasil não tem desses”, garganteou, perguntei onde ele *adquiria*, explicou que carregava, fretado, o povo da cidade dele, Presidente Prudente, praqui e prali, “Até pro Paraguai”, e negociamos uma garrafa de Cavalo Branco, que, dizem, é o melhor uísque que existe, não sei, não estimo o paladar, comprei mais pra não desfeitear o coitado, e de brinde ofertou seis cigarros *picados* (que resguardei pra exibir aos amigos, pintoso, por anos), e acho que, naquele dia, pela primeira vez, me roeu uma vontade danada de viajar pra-fora, invejoso da ladinice do fulano. Quando dei conta, rodava pelo Paraíso, bairro que não punha os pés de há muito — desgostoso, evitava rever a Karina, que namorei uma época, culpa da dona Zizinha, minha mãe, que me pediu pra, aproveitando o intervalo da hora do almoço, buscar o óculos dela na rua do Comércio, ocasião em que apreciei a atendente, toda séria, refletida naquela montoeira de espelho que tem em ótica. Todo dia apanhava ela e levava pra Fafic, a Faculdade de Fi-

losofia, Ciências e Letras de Cataguases, onde cursava pedagogia à noite. De vez em quando aguardava até a última aula, zanzando pelos corredores — amigo de professor e funcionário, maginei mesmo retomar os estudos — pra escoltar ela até em casa, aproveitando pra inspecionar toda sombra de árvore, cada luz de poste apagada, qualquer canto escuro. Não durou muito a safadeza: ela me permutou por um rapaz dono de uma 125 azul, com quem casou, teve filho, separou, e ainda agora deve de andar por lá, divorciada, professora de colégio estadual, independente. Me arrependia daquela decisão — já sentindo falta do cigarro, me perguntava se valia a pena tanto sacrifício — quando lembrei que o Chacon (zagueiro do Primeiro de Abril, apelido derivado da mania de entrar nas jogadas gritando *'xa com migo*) gabava de possuir um pequeno estabelecimento por aquelas bandas, e, especulando de um e outro, descobri o negócio, reduzido mas porém decente, limpo, duas mesas de plástico vermelhas enxeridas na calçada estreita, outras duas, de metal, no canto direito do cômodo sem janelas, chão de cimento grosso, balcão expositivo de porcelanas pra engabelar criança, prateleiras de bebidas coloridas, estufa de salgadinho, geladeira, frizer. Estacionei a Biz no meio-fio, “Que surpresa, rapaz!”, me abraçou, emocionado, gritando pela porta lateral, acesso à casa espichada pra trás e empoleirada em cima, “Lazinha, vem conhecer o Sérgio!”, me arrastou, “Vamos entrando”. “E aí?”, falou, “Pois é...”, respondi. Ele conclamou novamente a tal Lazinha, que devia de ser a esposa, fazia questão de apresentar o *colega do futebol*, pra certificar que tratava com pessoas dignas, *honestas*, “Ela

confia em mim”, mas sempre uma pulga atrás da orelha, deixava a entender, sem graça. Expliquei a recomendação do doutor Fernando, “Grande figura!”, me disse, “Xa com migo!”, anunciando entusiasmado que eu só saía dali *carregado*, e serviu, *preliminarmente*, uma dose de cachaça, *da-roça*, que engoli sem detença. Acendi um cigarro, ele trouxe uma garrafa de cerveja, dois copos, não podia ver ninguém bebendo sozinho, “Me dá aflição”, brindamos, sumiu atrás da mulher, “Vou pedir pra ela fazer um tiragosto especial, ’xa com migo”. Deste dia, recordo borrões, a cheirosa maçã-de-peito acibolada, um esfomeado viralata desavergonhadamente submisso, o entra-e-sai de meninos e meninas magros e esfarrapados, “Seu Pimenta, me dá um litro de água-sanitária”, “Seu Pimenta, a mãe mandou perguntar se o senhor pode vender uma garrafa de Coca-Cola pra pagar no sábado”, “Seu Pimenta, o senhor tem bomba-de-flit?”, “Seu Pimenta, o pai pediu pra colocar isso na vaca”, “Seu Pimenta, me dá uma caixa-de-fósforo” — seu Pimenta, o Chacon, levantava, entregava a mercadoria, anotava o fiado num caderno-escolar, rabiscava os palpites do jogo-do-bicho num bloquinho com papel-carbono, sentava, reavivava o colóquio, “Que nem o Flamengo de oitenta-e-um, nem o Santos de Pelé!, nem o Santos!”. No final da tarde, o pessoal que labutava do outro lado da rua, virando areia e cimento, empurrando carrinho-de-mão lotado de massa pra uma construção no alto do barranco, apareceu, tomaram pinga, comeram jiló cozido e linguiça frita, jogaram conversa fora, e levei um baita susto quando acordei, o sol queimando a minha cara, terça-feira de manhã, no meu quarto na Taquara Preta,

a cabeça latejando. Ainda vislumbrei a dificuldade de acertar a conta, o Chacon somava e subtraía e não ajustava nenhuma conclusão, embirrando na injustiça de eu arcar com a totalidade dos gastos, afinal, ele também tinha *consumido* da cerveja e dos tiragostos, mas eu insistia, alegando o dinheiro das férias, em pagar tudo, até mesmo a parte dos pedreiros, e ele contestava, “Somos amigos”, e, por defendermos as cores da mesma equipe, “O glorioso Primeiro de Abril”, devíamos de *rachar a despesa*, e derrapamos nessa lenga-lenga, e então o meu coração escolheu, olhei pela janela e não vi a Biz no quintal, espichei as pernas bobas e esbarrei com a minha mãe na cozinha, “Acordou, meu filho?”, olheiras enormes, assustado perguntei cadê a Biz, e ela descreveu, lamuriosa, que me apresentei “Completamente”, hesitou em dizer *bêbado*, mas frisou, entristecida, “Tonto”, não conseguia nem parar em pé, e que entreguei a ela o peso da moto e saí tropicando, e, não sabendo o que fazer, encostou a Biz no fícus, junto ao muro em frente de casa, pegou uma cadeira e passou a noite inteira vigiando pra ninguém roubar (sozinha, porque, nessa época, meu pai, paciente de uma ziquizira, já não encontrava mais entre nós). Aí lacei e beijei a minha mãe, que continuou, “Deus protege mesmo os cachaceiros e as crianças”, porque não entendia como, *naquele estado*, consegui chegar sem levar um tombo feio, “Podia ter morrido”, lamentava, e eu, concordando, empurrava a Biz pra dentro, examinando cada milímetro da pintura sem achar nem um arranhãozinho, “Mas o que me deixa mais abatida”, a vizinhança toda espiando o vexame, a hora regulava mais ou menos com aquela que o pessoal

cerca as janelas, depois da novela, por causa dos pernilongos, e, fingindo arrumar o óculos, chorou, e, só quando explanei tintim por tintim minha motivação, “O doutor Fernando” etc., é que tranquilizou, e, contrariando o luto (de mais de ano), até sorriu, encabulada, com medo que eu percebesse, “Vamos ver então, meu filho, se dessa vez”, e saiu pra catar umas folhas de boldo pra preparar um chá e comprar uma galinha gorda pra uma canja, que, segundo ela, “Não tem remédio melhor pra curar pifão”. Tomei os comprimidos, pus o adesivo, voltei pra cama, dormi.

Mas foi parar de fumar, e as coisas degingolaram na minha vida, e só não desisti daquela empreitada pra não desapontar o doutor Fernando, que adotou uma felicidade irradiante, me expondo pra deus-e-o-mundo como *prova incontestante* do seu *método revolucionário*, “Parece indiscutível que a associação de um anticonvulsivante a um antidepressivo, mais um dosamento retrógrado de nicotina”, claro que considerando a *pertinácia do paciente* (no caso, eu), “Resulta altamente favorável em casos de abstinência de tabaco”, declarou no Programa Roda Viva, que vai ao ar aos sábados às onze horas da manhã na Rádio Cataguases AM, ao qual comparecemos ambos, a convite do repórter Arnaldo de Souza, filho do finado seu Edegar de Souza, o Compadre Edegar, de nunca suficientemente festejada memória, e acrescentou que apenas não patenteava a prescrição pra esquivar das *intoleráveis pressões* das multinacionais do cigarro, *particularmente* da Souza Cruz, “Que, conforme todos sabemos, não pertence ao Souza, nem ao Cruz”, formação dele comunista. Se a desilu-

são com a Karina me impingiu a certeza de que no Brasil vence o mais bem motorizado, ao mesmo tempo me apartou por lustros de compromissos sérios, quando apenas namorei amadoristicamente (da lista a seguir consta somente o nome daquelas com quem mantive relação afetiva por, *no mínimo*, um mês): Josélia, operária da Industrial, e Selene, da Manufatora; Ana Clara, colega da Pagadoria, desquitada; Kátia e Maíra, balconistas na rua da Estação; Silvana, Kênia e Lídice, estudantes de letras da Fafic (tomei antipatia por pedagogia); Mariana e Janaína, professoras, uma primária, outra secundária; Zilma, cabeleireira (casada, fato por mim desconhecido e sinceramente deplorado); Verônica, auxiliar de enfermagem; Leda, caixa-de-banco, encostada no INSS, problema de coluna; Bia, que mexia com enfeites de biscoí; Irineia, proprietária de uma banca-de-camelô, perto do Mercado do Produtor; e Bete, que olhava pessoas doentes. Por azar, engravidou justo a Noemi, do-lar, vizinha nossa, malfalada no bairro, que engraçou comigo quando finalmente consegui trocar a Biz por uma 125 retirada novinha em folha da concessionária, filha do seu Ponté Carvalho, caboclo das-antigas, bronco e sistemático, que adentrou a sala, munido de um trabuco, zurrando que ia haver matrimônio, “Nem que seja na delegacia!”, contra a geral opinião que opunha dúvida à paternidade, assustando minha mãe, que, ciosa de decoros e honradezas (Irmã de Maria), mandou o homem beber um copo de Maracugina e submeteu à palavra dela a combinação de data, “Filho meu não falta com família de ninguém!”. Decorre que sagrou esta uma melancólica união desde a raiz, festança desproporcionada no

Clube Aexas pra não sei quantas cabeças, por gosto dos Carvalhos, gente de comer taioba e arrotar pernil, multidão reclamosa, a cerveja e o guaraná, *quentes*; os espetinhos de churrasco, *passados*; a maionese, *desandada*; a música, *alta* (pros idosos), *cafona* (pra mocidade); as balas-de-coco, o bolo, *minguados* (o povo avançou, sem condição sequer pro retrato oficial, mãos sobrepostas na faca); o local, *afastado*; a noiva, *xexelenta* (no parecer dos meus); o noivo, *otário* (no juízo de todos). Nascido o menino, Pierre, a Noemi teve um troço, que de-começo pensei ser frescura, brigamos feio, o tempo fechou no apartamentinho que alugamos (bateu o pé, achava *chique* morar em prédio) na Vila Domingos Lopes, ora prostrada na cama o dia inteiro, sem força nem pra trocar a fralda da criança, ora virando noite sem pregar o olho, uma falação sem-fim, e a coisa piorou a tal ponto que, se num período morta-viva não conversava com ninguém, noutra galgava o comércio numa empolgação esquisita, desperdiçando crédito em bugigangas e emprestando dinheiro de agiota, várias vezes me convocaram no serviço, o Pierre esgoelando abandonado no berço, e outras tantas percorri, com ele berrando no colo, barzinhos, botequins, boates, danceterias, arrasta-pés, muquifos, noites adentro à caça da Noemi. Quase dois anos despendi nessa desordem até deparar o doutor Fernando por acaso perto da Fábrica Velha, “Quê que aconteceu, Serginho?”, cobrando minha ausência do Primeiro de Abril e perguntando, “Com todo respeito”, se confirmava os comentários da população sobre as *extravagâncias* da minha esposa, “Acompanhei a gravidez, fiz o parto, não notei absolutamente qualquer perturba-

ção”, seja *física*, seja *psicológica*, mas, ao fim da minha explicação, três cafezinhos depois, suspirou, “Um quadro típico de pemedê”, recomendando que levasse ela, “O mais breve possível”, a um *especialista*, e rabiscou o nome de um psiquiatra de confiança dele. Os Carvalhos, entretanto, demoraram uns seis meses pra admitir que a Noemi tinha a *ideia fraca*, antes preferindo me acusar de querer denegrir o nome deles, de descuidar dos deveres varonis, de tratar mal ela, eu!, que duas vezes baixei no pronto-socorro, por causa de um copo que ela tampou na minha cara (três pontos na maçã-do-rostro) e de um piriri provocado pela água salobra que ela misturou na laranja, e minha sogra arreliava tanto a minha mãe pelo muro que separava os quintais (derramava água quente nas galinhas, punha olho-gordo na hortinha, ligava o rádio na maior altura pra provocar *distúrbio*), que a coitada perdeu a paciência, e engalfinharam as duas, uma vergonha, a molecada estumando a contenda, deu até polícia — um perereco que, no meu entender, ocasionou o falecimento da mansa dona Zizinha, que Deus a tenha!, meses depois, de complicação do coração, isto numa mulher incapaz de molestar uma mosca e que nunca queixou de uma dor-de-cabeça, uma dor-no-corpo, um resfriado, nada, veio o enfarte, pum!, estatelou dura. A Semíramis ainda cercou a Stela, minha cunhada, pra tirar satisfação, e o troço ferveu quando acusou a vigarice dela, que adiantava dinheiro pros aposentados e, no dia do pagamento, acompanhava os desinfelizes ao banco pra, na boca-do-caixa, cobrar vinte por cento a título de *juros e assessoria jurídica*, só porque, propalava, era doutora-advogada estudada e formada em curso

de fim de semana em Juiz de Fora, mas nem nunca exibiu a carteirinha da OAB, “Ô porqueira de gente você se meteu!”, enfim, um frege que, não fosse a Noemi ser pega pelada em frente à Prefeitura, em plena tarde de sol quente, e aquilo tresandava em tragédia. Internaram ela numa *clínica de repouso* em Leopoldina, apossaram do Pierre pra criar (mudaram pra Granjaria, poupando da bisbilhotice dos vizinhos) e demandaram contra mim um processo por *maus-tratos, negligência e abandono de incapaz* — sendo *incapaz* a Noemi, e *testemunhas* os velhinhos da Stela —, mais as pensões de praxe. Eu vivia tão desacorçoado que não rendia mais na fábrica: as faltas e a desatenção me cortaram a carreira, e fui mandado embora cinco-seis meses depois do passamento da minha pranteada mãe.

Entretanto, aos muitos que por esta época apostavam na minha desistência, aborreci, pois que misturado carregue sangue coropó, lusitano e escravo, do qual me orgulho e me guia avante, como certa cigana arranchada na Rodoviária constatou nas cartas, e a Mãe Célia, que *baixava* na progenitora da Irineia, uma das minhas namoradas, avalizou nos búzios. Assim, um domingo de manhã, sapeando a conversa-fiada dos pinguços no Beira Bar, mencionei, meio impensado, quando me perguntaram “O quê que você vai fazer da vida agora, ô Serginho”, que cismava ir embora, “Pro estrangeiro”, e, antes que debochassem, o seu Oliveira, pano-de-prato no ombro, destampou outra cerveja e apoiou o intento, “O caminho é Portugal”, e, diante da admirada plateia, decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo, e que, se mais